

© 2025 Corem 5R

MUSEOLOGIA EM FOCO

Revista do Conselho Regional de Museologia 5ª Região PR/SC

DIRETORIA EXECUTIVA (Gestão 2022-2025)

Presidente
Franciele Maziero

Vice-presidente
João Paulo Corrêa

Secretária
Denize Gonzaga

Tesoureira
Fernanda Cheffer Moreira

Conselheiros(as) titulares
Denize Gonzaga
Fernada Cheffer Moreira
Franciele Maziero
João Paulo Corrêa
Marcella Monteiro Borel
Letícia Oracilda Acosta Porto

Conselheiro suplente
Luan da Rosa Pacheco

EXPEDIENTE

Edição
COREM 5a REGIÃO PR/SC

Coordenação
Franciele Maziero - presidente

Projeto gráfico e diagramação
Denize Gonzaga

Edição e revisão textual da entrevista
Denize Gonzaga

Concepção de capa
Denize Gonzaga

Transcrição da entrevista e ISSN
Fernanda Cheffer

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Elaborado pelo Bibliotecário Douglas Lenon da Silva (CRB-1/3655)

M986 Museologia em foco: revista do Conselho Regional de Museologia 5ª região PR/SC [Recurso eletrônico] / Conselho Regional de Museologia 5ª região (COREM5R), v. 1, n. 5 (Entrevista com museólogo(a)) - Florianópolis, SC: COREM5R, 2025-.

Mensal

ISSN: 3085-8623

1. Museologia. 2. Museus. 3. Museus - Periódicos. I. COREM5R.

CDU 069

COREM 5R - AV. MAURO RAMOS, 1344 - FUNDOS - CEP 88020-320 - FLORIANÓPOLIS/SC

As falas dos entrevistados são de sua inteira responsabilidade.

Apresentação

Em 2024, a Lei Federal n.º 7.287/1984, que regulamentou a profissão de museólogo no Brasil, completou 40 anos, mais precisamente no dia 18 de dezembro, data em que se comemora o Dia do Museólogo. Foi um ano mais que especial para todos os profissionais de Museologia do país e, sobretudo, para todos aqueles que lutam pela profissionalização dos museus e espaços de memória, e principalmente pela valorização da profissão.

Em comemoração a esses 40 anos, o COREM 5R realizou o projeto “Live com Museólogo”, por meio do qual foram entrevistados diversos(as) museólogos(as) registrados(as) e atuantes no Conselho. Ao todo, foram realizadas 10 *lives*, que culminaram em entrevistas que serão reunidas nesta publicação ao longo de 2025, tornando-a fonte de pesquisa, de estudo e informação a trabalhadores, estudantes e interessados. Mas, mais do que um aporte técnico e institucional, esta revista tem como principal objetivo disseminar o conhecimento e atuação dos(as) nossos(as) registrados(as) nos diversos museus de nossa jurisdição.

As entrevistas foram realizadas com museólogos(as) de diferentes campos da Museologia, desde Gestão Estratégica até Comunicação Museológica, passando pelo olhar educativo dos museus e o seu papel como instituições de pesquisa e ciência.

Nesta edição comemorativa, temos publicada na íntegra a entrevista com a museóloga Andrea Siqueira D'Alessandri Forti, professora adjunta da Universidade Estadual do Paraná - Unespar/campus Curitiba I - EMBAP.

O COREM 5R agradece a todos(as) que aceitaram o convite; a todos(as) que deram o suporte necessário e contribuíram com seus conhecimentos para que esta publicação se tornasse realidade e a todos que nos assistiram e nos acompanham no Instagram. Desejamos que todos os assuntos e informações sobre a área aqui tratados sejam úteis para todos(as) que se interessam por Museologia. Boa leitura! ■

ENTREVISTA COM MUSEÓLOGO(A)
ANDREA SIQUEIRA D'ALESSANDRI FORTI



[...] Acredito que o curso de Museologia é o curso que visa a uma formação cultural, com embasamento teórico e práticas. Eu pelo menos busco isso em sala de aula, faço o possível... Eu sempre falo pros alunos: “Eu estou aqui pra dar instrumentos para que vocês resolvam os problemas dentro dos museus. Não tem uma fórmula de bolo que vou dar aqui e vocês vão aplicar em todo e qualquer museu. Eu dou instrumentos, eu ensino a legislação, eu ensino a pensar, mas quem vai resolver os problemas são vocês.

Andrea vive em Curitiba/PR. Professora adjunta da Unespar/campus de Curitiba I - EMBAP, atuando no curso de bacharelado em Museologia, é bacharela em Museologia pela Unirio (2010), bacharela e licenciada em História pela UFRJ (2011), pós-graduada em História da Arte e Arquitetura no Brasil pela PUC-Rio (2013), mestra em História pela Unirio (2014) e doutora em História pela PUC-Rio (2020).

Franciele Maziero | Boa noite a todos e a todas. Vamos iniciando a nossa *live*.

Andrea Siqueira D'Alessandri Forti | Oi, boa noite.

Franciele | Gostaria de agradecer em nome do COREM 5ª Região por você ter aceitado participar da nossa *live*. Todo mês a gente chama um(a) museólogo(a) para falar um pouco da sua carreira, da sua biografia. Durante as reuniões e conversas com os outros conselheiros, o seu nome foi citado; então eu fiz o convite. A gente fica muito feliz que você tenha aceitado. A *live* está sendo gravada pra quem não puder assistir agora. Se você puder apresentar, dizer onde nasceu, onde se formou, enfim, fazer considerações iniciais, pra todos aqui que estão acompanhando...

Andrea | Meu nome é Andrea Siqueira D'Alessandri Forti, eu nasci na cidade do Rio de Janeiro, estudei na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Unirio e hoje moro em Curitiba/PR.

Franciele | Você fez a formação em Museologia, né? Em qual período?

Andrea | De 2005 a 2010.

Franciele | Então você já tem uma carreira consolidada; já tem um bom tempo de atuação na área...

Andrea | Sim.

Franciele | E antes de fazer Museologia? Tem alguma outra formação? Já atuava em museu? O que te fez entrar para a Museologia?

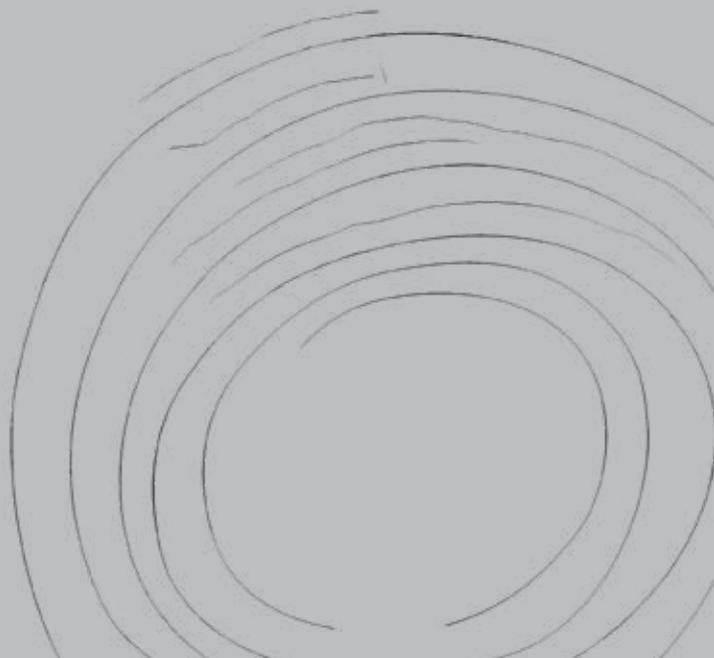
Andrea | Bom, vamos lá. Eu entrei na Museologia com 18 anos. Não foi a única, mas foi minha primeira graduação. A minha relação com museus começou muito cedo, diria que com três ou quatro anos, pelo que eu tenho lembrança. A minha mãe é professora de arte; então, me levava desde cedo a museus, porque ela levava os alunos; ela tinha que visitar a exposição e me levava também. Eu tenho uma lembrança de ir a museus muito cedo, tanto a museu de arte quanto a museu histórico. E também perto da casa onde eu morava tinha o Museu [Histórico] do Exército, no Forte de Copacabana, e o meu pai também me levava de vez em quando (não é a pessoa que mais gosta de museu do mundo, mas ele gostava do museu do Forte de Copacabana), isso desde cedo. Enfim, então, na minha infância, na adolescência, eu ia a museus, eu

frequentava... Tem esta coisa também: a sua mãe te leva e pode virar algo positivo ou também fazer com que você nunca mais queira entrar no museu. No meu caso, era algo positivo, algo que eu gostava. E aí, quando eu tinha uns 12, 13 anos, a escola começou a fazer algumas palestras com os pais dos alunos, pra começar a falar sobre profissões com a gente. E uma mãe de um aluno era museóloga. Então foi mais ou menos nessa época que eu descobri a profissão. E, pouco tempo depois, quando eu tinha uns 14, 15, comecei a fazer um curso de idiomas. Eu tinha uma colega nesse curso que era estudante de Museologia, e a gente por acaso voltava para casa juntas desse curso. Então eu ia trocando ideias, conversando com a ela sobre o curso. Foi uma coisa que eu fui tendo interesse. Eu sempre gostei muito de História e de Arqueologia. Quando estava chegando mais perto do vestibular, eu fui até a Unirio pegar a matriz curricular (estou falando de 2003, 2004, ou seja, não tinha todas as informações que a gente tem disponível na internet hoje em dia). Eu peguei a matriz, vi que tinha uma disciplina de Arqueologia e, enfim, acabei fazendo o vestibular e entrando na Museologia.

Franciele | Então, destes 12, 13 anos que você começou a se interessar, depois terminou o Ensino Médio e já tentou o vestibular de Museologia?

Andrea | Isso.

Franciele | Não chegou a tentar alguma outra coisa?



Andrea | Sim, na verdade, eu fiz duas faculdades ao mesmo tempo. Eu entrei primeiro pra faculdade de Museologia e fazia História à noite. Mas eu comecei História um ano depois da Museologia.

Franciele | Você então tocava essas duas faculdades... Devia ser difícil...

Andrea | Exatamente. Mas é diferente aqui da Unespar, pois a gente não tem o sistema de crédito. Então era mais fácil, porque eu privilegiava a faculdade de Museologia para terminar primeiro e ia fazendo o mínimo da faculdade de História, das disciplinas que eu tinha que ocupar. Ia equilibrando, mas era difícil, sim, era bem pesado.

Franciele | E durante a faculdade, teve alguém que te inspirou?

Andrea | Eu vou te dizer que foi mais em relação ao meu estágio do que exatamente aos professores da faculdade. Eu acho que eu tive a sorte de ter... Eu fiz até uma contagem aqui por alto: eu tive 12 professores museólogos, da Unirio, que eu acho que é bem diferente da maioria dos cursos do Brasil. Acredito que a Unirio tem o maior número de museólogos, e isso faz muita diferença, porque os professores compartilham. São experiências muito diferentes. Geralmente, eles dão disciplinas nas quais eles realmente são especializados naquela área. Eu tinha professores com dupla formação. Até nas minhas disciplinas de arte eu tinha dois professores que eram museólogos, o Ivan Coelho de Sá, que é diretor da Escola de Museologia, e a Libia Schenker. Eles tinham outra formação mais voltada para as artes. Então eu acho que contribuiu muito pra minha formação ter tido esse contato com museólogos especializados em cada disciplina diferente. Mas eu acho que inspiração foi mais no meu estágio.

Franciele | Interessante esse contato com bastante profissionais da área, porque isso realmente é um diferencial... Sobre a faculdade, você teve dificuldades no início?

Andrea | Eu não achava razoavelmente tranquilo. É uma faculdade trabalhosa. Dá muito trabalho. Não tem uma carga de leitura tão pesada quanto um curso de História, mas a gente tinha muita coisa fora para visitar, espaços, muita coisa pra fazer. Então eu acho que é uma faculdade que dá muito trabalho nesse sentido. Tinha muito trabalho em grupo. Era complicado, mas nada impossível também.

Franciele | Uma faculdade normal...

Andrea | É.

Franciele | Normal no sentido da demanda, da dedicação. Tem uma outra leitura e o acompanhamento do próprio curso, né?

Andrea | Sim, ia comentar também que o curso da Unirio era integral (o que eu fiz, não sei hoje como está, porque eu sei que eles têm um curso noturno agora). Eu tinha aula de manhã e à tarde, não todos os dias. Não era direto toda manhã e toda tarde, mas eu tinha algumas disciplinas à tarde. Então tinha isso também. Tinha essa questão de se organizar, de me organizar pra poder conciliar com outras coisas. Eu tinha colegas, enfim, que trabalhavam, não no sentido de estágio. Mas todo o mundo foi conciliando aos poucos...

Franciele | Sim. Em termos de disciplinas ligadas à área museológica, teve alguma coisa que te interessou, que te chamou a atenção logo no início ou você começou a ter as disciplinas ligadas à Museologia mais para o meio da faculdade? Como foi esse processo?

Andrea | Não, as disciplinas de Museologia eram bem distribuídas entre todos os anos. Eu acho que as que eu mais gosto são as que eu dou, “História dos museus” e “Documentação museológica”, disciplinas que eu sempre gostei.

Franciele | Atualmente você dá essas disciplinas então...

Andrea | Atualmente eu dou.

Franciele | Em relação às suas expectativas, antes e depois da faculdade... E como foi seu estágio?

Andrea | Você está se referindo mais ao mercado de trabalho?

Franciele | Você começa a faculdade e quais são as suas expectativas? “Ah, não quero trabalhar nisso”. Teve um desgosto durante a faculdade?

Andrea | Quando entrei, eu acho que eu tinha muito interesse em Arqueologia. E foi algo que se perdeu durante a faculdade. Não de não gostar de Arqueologia, mas não achei que era algo para mim. E aí eu comecei a fazer estágio, acho que no início do quarto período; ali no segundo ano mais ou menos, eu fui fazer estágio no Museu Nacional, no departamento de Geologia e Paleontologia. Então, o meu orientador de estágio era um paleontólogo. No Museu Nacional, eu tive a oportunidade de conhecer diferentes profissionais, entre eles arqueólogos. Tive mais contato com o dia a dia de trabalho dessas pessoas. Aí eu fui me desinteressando um pouco pela Arqueologia. Foi mais ou menos isso. E acho que, no Museu Nacional, foi onde nasceu o meu interesse em ser professora universitária.

Franciele | Lembrando que foi no Museu Nacional que, em 2018, infelizmente, teve um incêndio. Então, quem visitou, conseguiu visitar; quem trabalhou, trabalhou. Agora eles estão reconstruindo esse museu. Qual foi a área de estágio? A gente pergunta, porque, por exemplo, onde eu fiz a faculdade, a gente meio que escolhia a área. “Ah, não quero pesquisa museológica, documentação”. Eu não sei se na Unirio era assim também. Como é que foi questão do seu estágio?

Andrea | Esse estágio, na verdade, era o estágio não obrigatório. Então, era o que era oferecido e você ia se quisesse. Foi um estágio em documentação museológica. Eu trabalhava com o levantamento da trajetória das coleções que foram adquiridas pelo Museu Nacional na primeira metade do século XIX. Meu trabalho era ir atrás de documentos, das coleções, cruzar dados. Era documentação museológica, mas bem diferente do que muitas vezes os alunos entendem como alimentar um sistema de documentação. Isso eu não fazia. Mexia mais com documentos antigos e tentava realmente recuperar como essas coleções foram para lá e por qual motivo.

Franciele | Sim. É uma área da documentação. O sistema é um dos itens dentro da documentação, né? A documentação museológica não se resume a um sistema de documentação. É todo um processo que culmina ou não num sistema. Mas isso não é o único processo dentro da documentação, tem toda uma gama de situações. Isso é interessante comentar, até para desmistificar algumas coisas. Algumas pessoas acham que o sistema resolve tudo, e não é assim, é esse trabalho de pesquisa. A pesquisa tá muito ligada à documentação também.

Andrea | A pesquisa tá ligada a todas as funções do museu, na verdade.

Franciele | Sim, e o TCC, o estágio obrigatório, como foi?

Andrea | Eu fiquei três anos no Museu Nacional. Então, o meu

TCC da Museologia foi o resultado desse estágio não obrigatório, parte dessa pesquisa, né? O meu orientador no museu foi meu co-orientador de TCC. E o estágio obrigatório eu fiz no Museu de Folclore Edson Carneiro. A gente não escolhia a área. A Unirio tem uma lista dos museus que tinham museólogos, necessariamente. E aí a gente escolhia qual museu a gente queria ir. E o museólogo responsável definia qual seria o seu plano de atividade. Então eu entrei, e a museóloga avaliou que eu tinha um perfil de documentação museológica, que eu sabia, mas bem quando eu comecei a fazer o estágio iniciaram algumas obras no museu, e eu tive que ser remanejada para outra coisa, que foi conservação preventiva, que para mim não é tão legal, mas foi uma experiência também para conhecer mais sobre conservação. E aí o meu estágio obrigatório foi nisso.

Franciele | Então, digamos que começou com uma coisa que te interessava e depois acabou tomando outro rumo. E depois que você se forma... Quando é que você se forma, que cola o grau?

Andrea | Eu coleí grau em maio de 2010.

Franciele | E você já adentrou ao mercado de trabalho. Você conseguiu o registro de museóloga?

Andrea | Bem, assim que eu saí, eu pedi o registro como museóloga no COREM 2ª Região e foi imediato. Eu tinha expectativas de trabalhar assim que saísse da faculdade, mas, primeiro, eu ainda tava terminando a faculdade de História. Eu tinha que fazer estágio e TCC. Tive um problema de família que demandava meu tempo. Então, eu cheguei a mandar alguns currículos para museus, e nunca tive retorno. Todos museus particulares.

Franciele | Todos no Rio de Janeiro?

Andrea | Todos na cidade do Rio de Janeiro. Algumas colegas me chamaram para dois trabalhos pontuais: a montagem de uma exposição na Marinha, pra trabalhar durante dois meses, nada que demandasse muito tempo; e trabalhar para um artista plástico carioca que tava (não vou lembrar o nome) organizando a acervo dele, queria documentar os trabalhos artísticos, armazenar, enfim, queria contratar museólogos recém-formados. E aí algumas colegas que estavam trabalhando com ele me chamaram, mas foram essas as duas ofertas que me fizeram. Eu tinha que dar conta das outras coisas e acabei não indo. Eu acho que eu foquei muito desde então em concurso público e na minha vida acadêmica mesmo, no mestrado e no doutorado.

Franciele | Então, em 2010, você teve essas duas experiências e continuou a fazer concurso...

Andrea | Isso, experiências não, oportunidades, porque eu não cheguei a trabalhar.

Franciele | Depois disso você começou a fazer concurso, logo passou? Como é que foi isso?

Andrea | Não, eu fui passar num concurso em 2015, que foi o processo seletivo da Marinha.

Franciele | Então teve um tempo, né?

Andrea | Teve um tempo. Eu acho que depois que eu terminei o mestrado, as portas se abriram mais pra mim; antes disso, não.

Franciele | Você acha pertinente as pessoas tentarem mestrado? Qual é a sua visão sobre isso? “Ah, não, a graduação é suficiente, mestrado, doutorado...”

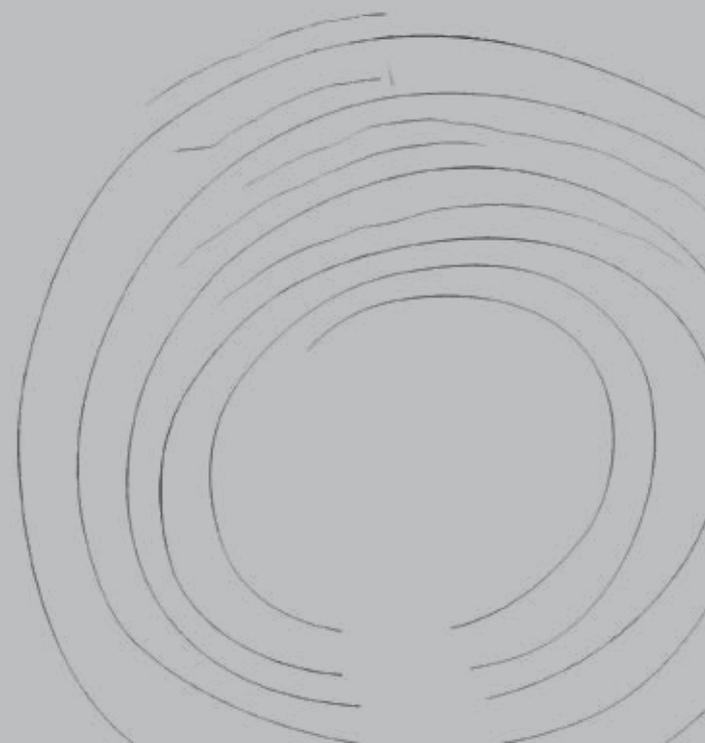
Andrea | Eu acho que depende muito do lugar. No Rio, eu acho essencial. Aqui em Curitiba eu não sei se eu acho fundamental ter um mestrado, porque, como é um curso novo, não tem inúmeros museólogos. Eu não sei se é algo fundamental, num primeiro momento, talvez. Mais pra frente, quem sabe. Agora, no Rio, eu acho, sim, que você tem que ter uma especialização, um mestrado. Um mestrado abre portas.

Franciele | É, eu não sei se, no Rio de Janeiro, acontece o que acontece no interior de Santa Catarina e do Paraná. Quando vê que você tem um mestrado, o contratante fica até meio receoso. “Nossa! Que currículo interessante, mas a gente não precisa de tudo isso...” Enfim, Rio de Janeiro é uma cidade maior, bem maior, mas no interior de Santa Catarina e do Paraná acontece isso.

Andrea | Eu acho que talvez tenha uma urgência no profissional. Então, talvez, não dê para esperar tanto a realização de mestrados pra que esses profissionais comecem a atuar.

Franciele | E a questão dos desafios e dificuldades que hoje você vem encontrando como profissional? Você é servidora pública de uma universidade estadual, a Unespar. Se você quiser comentar um pouco como profissional, porque, além de professora, você é museóloga...

Andrea | Bem, eu não venho de uma universidade estadual. Eu estudei em duas universidades federais e em uma universidade privada. Então, a experiência numa universidade estadual é bem diferente do que eu estou acostumada. A Unespar é a mais recente das universidades estaduais aqui do Paraná e, com isso, eu acho que ela ainda está num processo de se entender enquanto universidade. Isso já eram algumas questões não só pro curso de Museologia, mas acho que para todas as graduações da universidade. Pra quem não conhece a Unespar, ela é *multicampi*. A Museologia fica aqui em Curitiba, mas tem cursos em diferentes municípios do Paraná, que eu nem vou saber nomear. Mas tem muitos *campi*. Eu diria que o maior desafio, algo que acaba impactando de certa maneira o curso, e obviamente o meu trabalho, é a questão de contratação de professores. Metade do corpo docente da Unespar é de temporários. Enfim, talvez agora tenha muito mais efetivos do que os temporários, mas tem uma grande quantidade de professores temporários. Pensando aqui no curso de Museologia, eu sou a única museóloga efetiva; os meus três outros colegas são temporários. Isso é um problema pra você fazer o curso crescer mesmo, né? Você precisa de pessoas que fiquem. Claro que os professores temporários são extremamente qualificados. Não é essa a questão, mas você ter que mudar o tempo todo de professor... Qualquer profissional



que chegue num trabalho demora um tempo para entender o que é o seu trabalho. Por mais qualificado que seja como museólogo, a pessoa que chega aqui vai demorar de seis meses a um ano para entender o que é a Unespar, o que é o curso de Museologia, quais são as questões de Curitiba. Se a pessoa não for de Curitiba... Então isso acaba gerando problemas para o curso mesmo. Mas, de novo, isso não é uma questão apenas do curso de Museologia. Eu acho que é uma questão da universidade como um todo. Se quiserem saber mais, amanhã teremos paralisação, inclusive...

Franciele | Falando sobre essa questão de Curitiba. Você nasceu no Rio de Janeiro, se mudou pra Curitiba. Sentiu a questão cultural? O clima difere muito, né?

Andrea | Sim. Eu sabia que era muito diferente. O carioca é muito específico, e aí vai depender da opinião de cada um se isso é bom ou ruim, mas a cidade é muito diferente. O clima, as pessoas, a dinâmica, as relações são muito diferentes. Sim, eu senti muito. Eu cheguei no meio da pandemia; então para mim foi mais difícil ainda.

Franciele | Pandemia de 2020?

Andrea | Eu vim em outubro de 2020, bem no meio da pandemia. E eu não vou te dizer que eu esteja 100% adaptada. Eu acho que hoje eu entendo as coisas. Eu consigo visualizar como as coisas funcionam. Adaptada eu não sei se um dia eu estarei 100%, mas é isso. Eu acho que é difícil para mim, mas é difícil para eles também lidarem comigo de alguma forma.

Franciele | São culturas diferentes.

Andrea | Sim, eu tenho um jeito de falar que parece sempre que eu estou brigando, mesmo quando eu falo normalmente... Então eu acho que é difícil para mim, mas também é difícil pra eles. Não digo com os alunos; com eles, foi bem tranquilo. Acho que é um impacto de início com a maneira como eu falo, mas depois eles acostumam rapidamente. Agora, com os meus colegas, com pessoas com quem eu interajo fora da universidade, eu acho que é mais difícil, sim.

Franciele | Pensando na Museologia como a área que escolheu para sobreviver, pra formar carreira, você já pensou em desistir? “Ah, não, isso tá difícil pra mim, eu não quero mais.” Teve algum momento nesse sentido pra você?

Andrea | Eu acho que desistir da Museologia não, mas, pensando aqui na minha experiência, já tive momentos em que eu pensei em desistir, sim. Eu acho que, em especial, por causa de sobrecarga de trabalho. Foi muito, e continua sendo, porque eu sou a única museóloga efetiva, mas foi muito pesado.

Franciele | Logo no início, né?

Andrea | Você acaba trabalhando por três pessoas, né? Então é muito pesado. Não só no início. Tá durando bastante tempo...

Franciele | Hoje quem é a profissional Andrea? Você possui sonhos na sua profissão? Tem algum desejo que gostaria de revelar aqui pra gente?

Andrea | Nossa, que difícil!

Franciele | É difícil, né? Eu faço essa pergunta pra todos. E o pessoal acha difícil...

Andrea | Eu acho que eu passei por muitas questões pessoais nos últimos tempos que me fizeram repensar a minha relação com muitas coisas na minha vida, entre elas o trabalho. Então eu acho que eu vejo hoje o trabalho como parte da

minha vida, mas o trabalho não é a minha vida. Eu me vejo como uma museóloga que participa da formação de futuros museólogos, que eu espero, quando formados, se contratados ou concursados, que venham a contribuir para a melhoria do campo dos museus aqui no Paraná. Então eu acho que eu sou uma profissional que vai colaborar indiretamente para a melhoria dos museus no Paraná através da formação dos alunos. Pelo menos assim eu espero.

Franciele | Interessante. Eu vou puxar uma pergunta que ia fazer depois, mas vou fazer agora então. Você acha que a universidade prepara os estudantes para atuar no mercado de trabalho?

Andrea | Eu acho que sim. Acredito que o curso de Museologia é o curso que visa a uma formação cultural, com embasamento teórico e práticas. Eu pelo menos busco isso em sala de aula, faço o possível... Eu sempre falo pros alunos: “Eu estou aqui pra dar instrumentos para que vocês resolvam os problemas dentro dos museus. Não tem uma fórmula de bolo que vou dar aqui e vocês vão aplicar em todo e qualquer museu. Eu dou instrumentos, eu ensino a legislação, eu ensino a pensar, mas quem vai resolver os problemas são vocês.” Então, sim, eu diria que sim. Eu penso no curso da Unespar como um curso que forma para o mercado de trabalho.

Franciele | E sobre essa questão do profissional museólogo do futuro? A gente sabe de todas as questões em relação à inteligência artificial. Hoje em dia a gente sabe de profissionais de outras áreas que acabam fazendo o serviço do museólogo dentro de museus, mas como é que você vê essa questão do museu do futuro? É esse museólogo que vai ter que estar mais antenado com essa questão de inteligência artificial?

Andrea | Olha, em relação à tecnologia, todas as profissões precisam estar ligadas em relação a isso, não só o museólogo, mas eu não sei se eu apontaria a questão da tecnologia, que eu acho que já é algo... Enfim, o que eu vou falar também já seria algo urgente agora, né? Eu acho que cada vez mais se dedicar a algo que já é falado lá desde a década de 1960, que é pensar a relação dos museus com a questão do meio ambiente, com a questão climática, de pensar a relação com a sociedade, que eu acho que precisa ser atualizada com frequência, que é muito difícil. Acredito que todas essas questões são muito difíceis, mas eu acho que o museólogo não vai ter como fugir disso. Cada vez mais essas questões se tornam urgentes no nosso campo e em outras áreas também, né?

Franciele | O museólogo precisa estar antenado, então, né? E como você vê a questão de outros profissionais, por exemplo, dentro de museus, fazendo documentação, museológica, professor de História fazendo documentação museológica, professor pedagogo também coordenando o museu?

Andrea | Bem, eu acho que o museu tem que ter uma equipe com profissionais diversos, mas, independentemente do tipo de museu, o museólogo seria o profissional essencial, até pra talvez ajudar a definir quem seria essa equipe. Você tava falando, eu estava pensando no Museu Nacional, porque quem fazia a parte de documentação não eram os museólogos; era o paleontólogo, o arqueólogo. Porque são coisas muito específicas que a gente não tem conhecimento pra fazer mesmo. Eu tive disciplina de Paleontologia e não sou capaz de avaliar um fóssil. Precisa de um paleontólogo, mas o Museu Nacional tem uma equipe de museólogos, e eles ligavam os diferentes setores do museu. Eles que pensavam junto com esses outros profissionais dessas áreas mais específicas as exposições e diziam o que era necessário. Era ali a massa que unia todo o mundo. Então eu acho que vai depender muito de museu pra museu, mas acredito que o museólogo é o profissional essencial em todos, porque a gente

que tem esse conhecimento geral e sabe o que é um museu, do que precisa um museu pra sua função social.

Franciele | Pelo menos a gente estuda pra isso, né?

Andrea | A gente estuda pra isso.

Franciele | Pensando nos museólogos, você acha que é uma classe unida? A gente vê muitos professores, médicos que são.

Andrea | Não. Acho que eu percebi desde a graduação que nós não somos unidos. Não era nem uma questão de professores, não, mas, observando os próprios alunos, nós não éramos unidos. Eu acho que talvez era a intenção no Rio de Janeiro 15 anos atrás. Não tô falando pelo Brasil inteiro. Mas acredito que, como não tinham também muitas oportunidades de trabalho, ou era concurso público, ou as oportunidades eram mais pontuais, em museus particulares, em trabalhos temporários, gerava uma competição sutil entre os alunos, que acabava minando as relações de alguma forma e gerando essa desunião. Não havia conflitos, não era uma coisa aberta, mas era uma coisa que você ia percebendo na sutileza. Alguém que se aproximava de um professor para conseguir algum benefício, na esperança de conseguir algum benefício, mas não necessariamente conseguia. Então eu acho que foi gerando uma política do “cada um por si”.

Franciele | Isso acaba depois refletindo no mercado de trabalho, né? Depois nas questões de possíveis vagas, não só no meio acadêmico...

Andrea | Sim. Tinha uma organização estudantil, uma tentativa de organização estudantil, mas não era uma coisa muito forte, pelo menos na minha época. Não sei depois como ficou. Isso vai se refletindo... mas é isto, você já sai da faculdade pensando “Sou eu sozinha. Vamos tentar o que dá.” Enfim, aí gera muitos problemas.

Franciele | Chegou a pensar em formar alguma empresa com colegas?

Andrea | Não, não, para mim sempre foi concurso público.

Franciele | E você ainda tenta concurso público? Ainda busca alguma coisa ou está bom na Unespar? Como será a museóloga Andrea no futuro? Você acha que lecionar já está bom?

Andrea | Eu gosto muito de dar aula, mas eu gosto muito de pesquisa. Aqui para mim não é muito satisfatório. Exatamente por essas questões que eu falei em relação à universidade estadual nova. Eu estou acostumada com universidades já consolidadas, em que efetivamente têm pesquisa. Não acho que não possa mudar, mas, no momento, para mim, ainda não é satisfatório. Eu não tô procurando nada, mas estou sempre aberta a novas possibilidades. Se em algum momento aparecer outro concurso que seja do meu interesse, alguma instituição que seja do meu interesse, não vejo por que não. Também tem uma questão de energia para fazer um concurso público. Concurso para professor exige toda uma organização de documentos que é bem cansativo. Então tem que valer muito a pena pra gente fazer. Mas é isso. Por enquanto, eu acho que eu estou bem aqui. Futuramente eu não sei.

Franciele | Para os estudantes de Museologia, para quem está assistindo à *live*, que tem interesse de entrar na Museologia, você tem alguma mensagem ou dica?

Andrea | Pros estudantes de Museologia, que acaba sendo uma dica, eu diria “Estudem tudo o que vocês puderem estudar, descubram o que vocês têm interesse, estejam abertos a novos conhecimentos.” Como eu disse, eu entrei com interesse em

Arqueologia, conheci e acho interessantíssimo e importante que tenha no curso de Museologia, mas eu vi que não era para mim como profissional. Então, eu acho que as pessoas têm que estar abertas a conhecer novas possibilidades, novos interesses. Não achem que é só estar na sala de aula ou no estágio... A leitura é importante; participação em diferentes tipos de atividades é uma coisa importante. Cada um sabe da sua vida e tem a sua disponibilidade, mas eu diria que estudo é fundamental. Independentemente do caminho que a pessoa decida seguir, não perde nada com estudo. Estágio é fundamental pra mim. Eu diria que o meu estágio no Museu Nacional foi a coisa mais importante. E eu estou comparando com duas graduações. O que eu aprendi dentro do meu estágio não tem preço. E pras pessoas que têm interesse na área, “Procurem primeiro saber bem o que é a Museologia”. Agora tem muitas informações disponíveis na Internet, tem *live*, coisas no YouTube, todas as possibilidades de vocês conhecerem o que é a Museologia, o que os profissionais fazem. É uma área muito ampla, tem muitas possibilidades.

Franciele | Sim.

Andrea | É isso, e antes de ingressar.

Franciele | Pesquisar bem antes é fundamental, com certeza. Sobre as faculdades EaD, que hoje estão oferecendo Museologia à distância, como você vê isso? Você que veio da Unirio...

Andrea | Eu, na verdade, já procurei a matriz curricular de algumas dessas universidades, por curiosidade mesmo. Eu não sei como funciona. Então eu tenho um pouco de dificuldade de emitir uma opinião. Como eu disse, eu sou uma defensora do curso de Museologia integral. Eu sei que é difícil, pensando que a maioria dos alunos trabalham, mas pensando em tudo o que a gente teria que oferecer de teoria e prática, eu seria uma defensora do ensino integral. E aí eu fico nessa dúvida, de como funciona o EaD em relação à prática. Então não vou dar uma opinião, porque eu realmente não tenho conhecimento pra falar alguma coisa.

Franciele | Pergunto porque nós vemos pelas informações de sites que são cursos de até três anos em que se formam bacharéis em Museologia.

Andrea | Eu acho que o fato de eu não conseguir achar a matriz curricular, de não achar o corpo docente, acho que é um pouco complicado, né? Eu não procurei recentemente, mas eu cheguei a procurar um tempo atrás. Então, gera muitas dúvidas, mas não posso dizer que é bom, que é ruim...

Franciele | Sim, claro, também vai de profissional para o profissional. Às vezes a pessoa se forma e depois busca o conhecimento. Cada caso é um caso.

Andrea | Cada caso é um caso. Exatamente.

Franciele | Para as pessoas que trabalham em museu, que estão atuando em museu, mas não querem se formar em Museologia, você tem alguma dica de curso ou minicurso pra se profissionalizarem e saberem um pouquinho mais?

Andrea | Eu diria que, na verdade, o curso EaD é bom (falei que não posso opinar muita coisa, mas, para as pessoas que têm uma carga horária de trabalho de 40 horas ou superior a isso, eu acho que o curso EaD é uma boa opção pra formação em Museologia). Eu acho que o IBRAM também oferece muitos cursos para profissionais de museus terem um conhecimento básico, um norte sobre o que fazer, pelo menos das principais funções: conservação preventiva, documentação museológica, exposição, plano museológico. Então já dá uma boa base pra pessoa que está dentro do museu.

Franciele | E são bons cursos, né?

Andrea | São bons cursos. Você faz no seu tempo, fica com o material para você. Então, eu diria que esses são os caminhos.

Franciele | Uma mensagem final. Você tem mais alguma consideração? Não sei se alguém aqui no *chat* gostaria de comentar alguma coisa. Só estão assinando aqui, parabenizando. O pessoal gostou da *live*. Obrigada, gente, por participar. Andrea também novamente, agradecemos, porque eu sei que é corrido, as pessoas trabalham, estudam e é difícil tirar uma horinha à noite pra poder participar de uma *live*. Espero estreitar as relações também do COREM 5R com a Unespar. Estamos sempre à disposição. Deixa eu ver... Teve um comentário aqui da Graci[eli] Schubert [Kühl]: “Importante considerar que temos poucas graduações em Museologia e, para quem reside em cidades do interior, a graduação EaD é a única opção viável”. Sim, com certeza, Graci. Também parabenizou pela *live*. A coordenadora Jackeline [Corrêa Veneza, coordenador do curso de Museologia] também. Temos uma pergunta aqui... Deixa eu comentar contigo. “Você acha que uma empresa de profissionais museólogos funcionaria aqui em Curitiba?”

Andrea | Acho que sim.

Franciele | Uma empresa com vários museólogos? Acredito que sim, né? Se puder comentar um pouquinho a respeito...

Andrea | Eu acho que não tem muitas empresas aqui em Curitiba... Conheço em São Paulo, mas aqui em Curitiba, no Paraná, eu não conheço.

Franciele | Temos uma.

Andrea | Acho que só tentando pra ver...

Franciele | Temos uma registrada aqui no 5R, que é a Medusa [Projetos Culturais e Comunicação Ltda], empresa da nossa conselheira tesoureira, Fernanda Cheffer. É a única empresa do Paraná registrada no 5R (a Fernanda agora entrou aqui...). Mas seria interessante... Imagina, o estado do Paraná é um estado grande. Eu penso ser importante o profissional museólogo no dia a dia dentro do museu. Apesar de que também tenho uma empresa, mas eu vejo que no dia a dia o profissional estar dentro do museu é o que importa.

Andrea | É, o Paraná é um estado muito grande, ainda mais se pensarmos no interior. Então talvez seja bem interessante. Eu concordo com você que é essencial as pessoas pensarem no museólogo dentro do museu. Tem essa questão da consultoria como possibilidade, mas eu acho que tem que ter um museólogo dedicado exclusivamente a cada museu. Você precisa conhecer o acervo, a instituição. Não dá pra ser algo pontual, só pra fazer coisas que realmente são cobradas pela lei, digamos.

Franciele | Sim, porque a lei exige que em todo museu tem que ter museólogo; pra todos os processos relacionados à Museologia, o profissional precisa estar junto. Infelizmente a gente tem ainda essa deficiência de contratar o profissional. Então, gostaria de agradecer novamente pela sua presença, pela disponibilidade e lembrar que todo mês teremos uma *live*. Esta foi com Andréa, que mora em Curitiba, uma representante do estado do Paraná. Mês que vem, em agosto, nós iremos receber um profissional museólogo do estado de Santa Catarina. Vai alternando, porque o 5R abarca dois estados; então a gente está pensando sempre uma forma que agregue esses profissionais tanto de Santa Catarina como do Paraná. Este ano [2024], pessoal, nós estamos comemorando 40 anos de regulamentação da nossa profissão, então é muito importante que a gente

divulgue a lei 7.287/84, que a gente divulgue a importância do museólogo dentro dos museus; não só a importância, mas a obrigatoriedade também, de as ações de Museologia serem coordenadas e realizadas pelos museólogos. Quanto mais a gente soltar o nome na praça, como eu digo, é melhor pra gente! Parabéns, Andrea, obrigada por ter aceitado o nosso convite. Não sei se queres comentar mais alguma coisa, dar um tchau pro pessoal. Queres deixar o teu contato?

Andrea | Posso deixar meu e-mail institucional: andrea.forti@unespar.edu.br. Agradeço ao COREM 5R pelo convite, às pessoas que estão às 8 da noite me assistindo e comentando aqui e parabéns pelo projeto de divulgar as trajetórias dos profissionais aqui da 5ª Região.

Franciele | Sim, essa foi uma ideia que surgiu a partir do que eu escutei uma vez de um museólogo, que o conselho só entra em contato pra cobrar. E eu disse “Mas a gente também faz coisas pra ajudar o campo, pra divulgar os museólogos.” Então a *live* é para isso, pra dar espaço para os museólogos falarem sobre a sua atuação, biografia. Por isso a gente chama profissionais de diferentes regiões de Santa Catarina ou do Paraná... Estão aqui agradecendo bastante, te chamando de “profe querida”...

Andrea | Ah, a Giovana.

Franciele | Obrigada, Andrea, por sua participação e a todos que assistiram à *live*. Qualquer dúvida, podem entrar em contato via: corem5r@gmail.com ou contato@corem5r.org.br. Esses são os e-mails oficiais do conselho. Podem mandar mensagem aqui no Instagram também. Sempre que possível, tanto a Marcella [Monteiro Borel], nossa conselheira, quanto eu, visualizamos e respondemos. Até a próxima *live*.

Andrea | Tchau, tchau. Obrigada também, pessoal.

Conselho Regional de Museologia 5ª Região PR/SC

O Conselho Regional de Museologia da 5.ª Região – COREM 5R, que compreende os estados de Santa Catarina e Paraná, é uma autarquia de caráter fiscalizador e orientador do exercício da profissão de museólogo, conforme previsto na Lei n.º 7.287/1984 e regulamentado pelo Decreto n.º 91.775/1985.

Exerce um papel fundamental na valorização e no fortalecimento da profissão de museólogo na região sul do Brasil, assegurando que as atividades museológicas sejam conduzidas por profissionais devidamente registrados, regulares e comprometidos com a ética profissional e com os parâmetros técnicos estabelecidos. A abrangência territorial do COREM 5R engloba uma região caracterizada por sua rica diversidade cultural, histórica e patrimonial.

Os estados de Santa Catarina e Paraná contam com expressivo número de museus, espaços de memória e instituições culturais que desempenham papel essencial na preservação e promoção do patrimônio material e imaterial. Nesse contexto, o conselho torna-se um agente estratégico na articulação entre profissionais, instituições e sociedade civil.

Entre suas principais atribuições, estão o registro e a fiscalização do exercício profissional, o zelo pelo cumprimento do Código de Ética Profissional do Museólogo, bem como a promoção de ações orientativas e educativas voltadas ao fortalecimento da Museologia como campo científico e profissional. O COREM 5R também atua como instância consultiva e propositiva com órgãos governamentais e entidades da sociedade civil.

Ao assegurar a qualificação técnica dos profissionais e a observância das normas éticas e legais, contribui diretamente para a preservação, valorização e difusão do patrimônio cultural da região, promovendo uma Museologia comprometida com a legislação brasileira, com a responsabilidade social e solidária, com a sustentabilidade e com o fortalecimento das identidades locais.

Dessa forma, o Conselho Regional de Museologia da 5ª Região reafirma seu compromisso institucional com a sociedade, com os museólogos e com a proteção e valorização do patrimônio cultural nos estados de Santa Catarina e Paraná.

SITE

www.corem5r.org.br

INSTAGRAM

[@corem5r](https://www.instagram.com/corem5r)

E-MAIL PRESIDÊNCIA

presidente.corem5r@gmail.com

E-MAIL SECRETARIA

contato@corem5r.org.br

E-MAIL TESOURARIA

tesourariacorem5r@gmail.com

ENDEREÇO COREM 5R

Av. Mauro Ramos, 1344 - Centro
Florianópolis/SC CEP: 88020-302

WHATSAPP COREM 5R

48 9 9994.5855